

Olúção Presidencial Congestionamento à direita

Ruy Lopes

Começou a ficar congestionado o campo da direita, na sucessão presidencial. A briga por espaços, que até agora envolvia os pretendentes posicionados na esquerda — com destaque para a troca de farpas entre Lula e Brizola — chegou ao outro lado, e promete ser igualmente renhida.

Ainda há pouco, as áreas conservadoras queixavam-se da falta de um nome capaz de polarizar o que elas eufemisticamente chamam de “o centro”. E o Palácio do Planalto, fazendo eco a esse coro, manobrava para lançar o ministro Íris Rezende, que sem dúvida nenhuma poderia satisfazer aos anseios desses grupos.

Talvez até pela existência desse vácuo político, começou a crescer desmesuradamente a candidatura de Fernando Collor. Com bastante competência, o ex-governador de Alagoas dirigiu suas mensagens para o eleitorado que imagina serem os marajás a causa de todas as desgraças brasileiras, e investiu firme na defesa de teses de agrado dos empresários.

Se suas idéias são realmente essas, ou se Collor está apenas conduzindo um jogo político, pouco importa. O que não se pode ignorar é que sua pregação surtiu efeito; e sua candidatura preencheu o vazio no segmento da direita. Considerando a hipótese de que o eleitorado conservador representa metade do total, parece claro que os demais pretendentes só poderão aumentar seus apriscos, de ora em diante, capturando votos que no momento se identificam com Collor.

O primeiro a se dar conta dessa consequência foi o atual presidente do PDS, Delfim Netto, que alertou Jânio, ainda na Europa, sobre a existência de “raposas em seu galinheiro”. Collor é quase uma cópia-carbono de Jânio dos velhos tempos, com a vantagem da idade e da aparência física.

Como a campanha presidencial é negócio caro — a assessoria de Jânio calculou em 270 milhões de dólares — a existência de um sócio ideológico torna o investimento de alto risco. Daí a cautela com que manobram os janistas, que até o momento apenas adquiriram a legenda que possibilitará a candidatura.

A segunda raposa solta nessa granja é Paulo Maluf, que arrebanhou os cacos de seu partido e com eles construiu uma base para a disputa. Há nos meios políticos uma tendência notória para subestimar a capacidade do antigo governador de S. Paulo. Trata-se de um preconceito sem maiores fundamentos: Maluf talvez não vá para o segundo turno, mas acabará ficando com alguns milhões de votos conservadores, e terá então grande peso na etapa decisiva.

Falta, por fim, a definição do PFL, cujo postulante trabalhará na mesma seara, agravando a dispersão do eleitorado de direita. Sem falar, é claro, de Afif Domingos, que parece não ter decolado, e de Ronaldo Caiado, que ainda espera uma legenda.

Conseguir um lugar ao sol, nessa praia, vai exigir muita cotovelada.